

# REVISTA DO ENSINO/RS E MARIA DE LOURDES GASTAL: DUAS HISTÓRIAS EM CONEXÃO

---

*Beatriz T. Daudt Fischer*

## **Resumo**

O texto nasce do depoimento de Maria de Lourdes Gastal (1912-2000), principal responsável por um verdadeiro acontecimento discursivo de meados do século XX: a Revista do Ensino/RS (1951-1978), publicação gaúcha que chegou a atingir cinquenta mil exemplares, circulando por todo Brasil na década de sessenta. Quem de fato foi esta mulher, formada professora, porém tendo uma trajetória tomada por atividades editoriais? Que relações de poder atravessaram seu cotidiano? Como podemos articular suas iniciativas à própria história do magistério? Estas e outras questões serviram como norte desencadeador do processo de pesquisa biográfica que se desenvolve neste trabalho.

**Palavras-chave:** Imprensa pedagógica; memória; história da educação.

## REVISTA DO ENSINO/RS AND MARIA DE LOURDES GASTAL: TWO HISTORIES AT CONNECTION

### **Abstract**

This paper arises from Maria de Lourdes Gastal's statement, the main responsible for a genuine discursive happening that took place by the middle of the 20th century: the Revista do Ensino (Teaching Magazine) RS (1951-1978), a publication from a southern state of Brazil that reached 50 thousand copies around the country (Brazil) in the 1960s. Who was, in fact, this woman, with a teaching career, but also having her path paved with editorial activities? What sort of power relationships came through her everyday life? How can we relate her initiatives to the history of teaching? These and other issues became the guidelines to the biographical research process that is developed in this paper.

**Keywords:** Pedagogical press, memory, history of education.

## REVISTA DO ENSINO/RS Y MARIA DE LOURDES GASTAL: DOS HISTORIAS IN CONEXIÓN

### Resumen

El texto nace de las declaraciones de María de Lourdes Gastal (1912-2000), principal responsable por un verdadero acontecimiento discursivo de mediados del siglo XX: la *Revista do Ensino* (Revista de la Enseñanza), publicación de Río Grande do Sul que llegó a alcanzar cincuenta mil ejemplares y circuló por todo Brasil en la década de sesenta. ¿Quién fue, de hecho, esta mujer graduada como profesora, aunque con una trayectoria plagada de actividades editoriales? ¿Qué relaciones de poder se mezclaron con su cotidiano? ¿Cómo podemos articular sus iniciativas a la propia historia del magisterio? Estas y otras preguntas sirvieron como norte desencadenador del proceso de investigación biográfica que se desarrolla en este trabajo.

**Palabras clave:** Prensa pedagógica; memoria; historia de la educación.

## REVISTA DO ENSINO/RS ET MARIA DE LOURDES GASTAL: DEUX HISTOIRES EN CONNEXION

### Résumé

Ce texte naît du témoignage de Maria de Lourdes Gastal (1912-2000), celle qui a été la principale responsable d'un important événement discursif de la moitié du XX<sup>ème</sup> siècle: la création de la *Revista do Ensino/RS* (1951-1978), une publication du Rio Grande do Sul qui a atteint les cinquante mille exemplaires et qui a circulé partout au Brésil dans les années soixante. Qui a été en fait cette femme, professeur qui a eu une trajectoire vouée aux activités éditoriales? Quelles relations de pouvoir ont traversé sa vie quotidienne? Comment peut-on mettre ses initiatives en rapport avec l'histoire même de l'enseignement? Ces questions, parmi d'autres, ont servi comme déclencheurs du processus de recherche biographique développée dans ce travail.

**Mots-clés:** Presse pédagogique; mémoire; histoire de l'éducation.

Gosto muito de música francesa. Tenho um desgosto tão grande: tive - não sei bem se foi quatro ou cinco - avós que nasceram em Paris. Por que eu não nasci em Paris, mon Dieu? Vim nascer na Rua da Margem...

Com essas palavras inicia o depoimento de Maria de Lourdes Gastal, mulher e professora, nascida em Porto Alegre nos idos de 1912. Fundadora e principal responsável por um verdadeiro acontecimento discursivo de meados do século XX: a *Revista do Ensino RS* (1951-1978)<sup>1</sup>. Em meio a suas recordações, lembrando os saudosos tempos da Revista, ela vai, sutilmente, enfileirando outras histórias. Mistura tempos, confunde nomes e datas, e aproveita para incluir também seus lamentos, comparando a situação em que hoje ela se encontra com seus prazeres de outrora: “Tempo bom, Deus do céu! Eu fui rainha de... rainha da primavera do *Jocotó* (clube social então existente em Porto Alegre). Tem um retrato aí. Tudo são saudades. Tudo são lembranças...”. Na caixa de papéis e outros guardados, muitas fotografias, uma delas mostra uma bela moça, de estatura além da média, vestida elegantemente, *manteaux* e chapéu denunciando uma tarde de inverno porto-alegrense.

Diante da importância que representou a Revista do Ensino no cenário brasileiro – um dispositivo de normalização e regramento de professoras, a partir de estratégias simultâneas de controle e louvor à resignação (FISCHER, 2005) - considerei pertinente ir ao encontro daquela que teria sido a mentora e desencadeadora mestra desse autêntico monumento editorial. Era preciso, pois, conhecer esta mulher, sua personalidade e crenças, bem como verificar se, através de suas lembranças, apareceriam forças que lhe deram suporte para levar em frente aquela empreitada. Para poder chegar até Maria de Lourdes Gastal fui demarcando o terreno, juntando informações que me permitissem

---

<sup>1</sup> Sobre a Revista do Ensino/RS, ver BASTOS (1997).

traçar o mapa que me levasse ao tesouro. Quando, enfim, deparei-me com essa mulher, vivi horas de muita emoção. E, ainda que ali estivesse um corpo vergado, carregando o peso de seus 86 anos, ainda que ali se esboçasse um sorriso amargo, escondendo a falta dos dentes, estava diante de mim, sem dúvida, um ser que se impunha por sua presença. Daqueles que jamais passam despercebidos por onde andam, especialmente quando começam a falar.

Aqui, pois, desdobram-se considerações a partir do depoimento de Maria de Lourdes Gastal. Suas memórias pessoais em parte se confundem com a própria história da Revista do Ensino, publicação gaúcha que chegou a atingir cinqüenta mil exemplares, circulando por todo Brasil na década de sessenta. Lembrando os saudosos tempos, dona Maria vai sutilmente enfileirando outras histórias, contando acerca de sua vida, aparentemente uma pessoa medíocre, porém de fato evidenciando práticas de mulher poderosa. Na medida em que a narrativa se desdobra, é possível relacionar o êxito da Revista que dirigia com esta personalidade que ali se revela: inteligência e criatividade, energia e determinação, elementos propulsores para a concretização de práticas que se impuseram por décadas.

Maria, aquela fortaleza dos anos cinqüenta e sessenta, aquela mulher determinada, que enfrentara autoridades proclamando seus ideais através de um importante espaço na imprensa pedagógica, estava ali, rodeada por alguns poucos pertences em seu quarto-e-sala na geriatria: estaria ali também simbolizado o sintoma de decadência do próprio magistério do nível elementar, que ela tanto defendeu em outros tempos? Quem de fato foi esta mulher, formada professora, porém tendo uma trajetória tomada por tarefas jornalísticas? Que relações de poder atravessaram seu cotidiano? Até que ponto suas iniciativas junto à Revista do Ensino atravessam a própria história do magistério? Estas e outras questões serviram como norte desencadeador do processo de pesquisa que se desenvolve neste trabalho. Entretanto,

querer abarcar a história de toda uma vida, a partir de alguns fragmentos, é tarefa vã. Uma biografia – assim como a identidade – sempre será similar a um jogo de quebra-cabeça, ao qual faltam algumas peças e, por mais que se queira dar o formato final, nunca se chegará a completá-lo integralmente. Este exercício, que tem alguns aportes de dimensão biográfica, é resultado de um processo investigativo que coletou narrativas não só junto à Maria de Lourdes Gastal, mas também ouviu colegas que com ela compartilharam o trabalho nos bastidores da Revista. Além disso, uma leitura dos enunciados recorrentes naquele periódico, sob lentes foucaultianas, serviram como pano de fundo para melhor compreensão do contexto da época. Mais especificamente, aqui o processo de análise centra-se na articulação entre as memórias de Maria Gastal e particularidades da Revista da qual foi mentora. Nesta perspectiva, metodologicamente, em lugar de uma dimensão seqüencial historiográfica, fruto da ilusão da identidade única, apresenta-se a possibilidade de escrever sobre a personagem sem a imposição de cronologias e fechamentos.

Maria, mulher forte, que tantas vezes no passado assumira a palavra em ocasiões decisivas (“ela gostava disso”, diz Júlia, que trabalhou diretamente com ela na editoração da Revista do Ensino) continuava de fato ali. Agora, porém, junto com ela, seus queixumes: “Estou resumida a isso”, diz apontando para seu quarto-e-sala na geriatria. Sem abandonar regras e valores preservados desde a mocidade (“o mal do mundo atual é as mães não serem mais rigorosas com as filhas”), ela acrescentou nestes últimos anos algumas manias e cultivou segretos amores, como sua imensa paixão por *Plácido Domingos*: “Este dorme comigo todas as noites”, diz apertando contra o peito uma foto do artista na capa do disco *long-play*. Por alguma razão, entretanto, minha entrevistada punha-se a divagar. De quando em quando, interrompia a si mesma para voltar a me perguntar: “Mas por que mesmo tu queres saber da Revista?”. Escolhia eu, então, outras palavras para lhe explicar as razões que me faziam chegar até ela.

Assim, aos poucos, Dona Maria iniciou sua viagem ao passado, com frases espaçadas por intervalos silenciosos, seguidos da expressão: “Jesus, clareia minha cabeça!” E, de repente, voltava a recordar detalhes, utilizando um palavreado por vezes quase literário.

Está ali uma típica representante das professoras daquela época e, como as demais, ela hoje ainda se minimiza: “Eu hoje considero que eu fui uma péssima professora. É o que eu sinto pelo que eu sei hoje. Eu não consegui ser boa em nada. Bem boa, fabulosa, extraordinária, não consegui. Eu quis aprender piano, não consegui. Fui até um certo ponto. Ainda tenho as minhas partituras aí. Eu quis aprender canto, a minha garganta falhou por completo...”. Como as demais, ela recorda quão restritos eram seus espaços: “Eu não tinha quase o que fazer porque voltava do trabalho, ficava com a mamãe. Então, [ouvia] uma novelinha pelo rádio...”. E também, como as demais mulheres de seu tempo, revela costumes caracterizados pela fiel obediência: “Minha mãe estava já velhinha, não podia quase andar... Era bastante impertinente, rigorosa comigo, graças a Deus!”

E, de ponto em ponto, vai ali se traçando um texto que, com vagar, chega aos primórdios da Revista do Ensino:

Nós éramos muito amigos do José Bertaso, irmão do seu Henrique Bertaso, que era o cabeça maior da editora [Globo]. E eu vivia, fora do trabalho, eu vivia em casa.... E comecei a escrever coisas para os meus alunos. Foi indo, foi indo e eu achei que já tinha bastante matéria escrita. Fui lá na Livraria do Globo, falei com o José, com quem eu tinha intimidade de conversar. Perguntei: José, há possibilidade de vocês... – até me lembro que eu falei a palavra *imprimirem*, eu não conhecia, naquele tempo *editar*, era imprimir – um trabalhinho que eu fiz para os meus alunos, mas que eu acho pode servir para os alunos de outras, também? E ele me disse: Traz, eu entrego pro Henrique, que ele que é encarregado disso. Eu fiz. E acabei imprimindo, publicando, vinte e oito livros. Venderam bem, muito bem até em Portugal. E o mesmo aconteceu depois com a Revista do Ensino.

Portugal ainda tinha, não sei se ainda tem, umas colônias na China. E as professoras portuguesas mandavam pras colegas chinesas. E a Revista também, andou pelo mundo todo.

De fato, tais informações podem ser hoje perfeitamente comprovadas: através de sites de busca da internet, mais especificamente ao inserir o nome de Maria de Loudes Gastal, imediatamente é possível serem localizados livros de sua autoria, escritos em meados do século XX e posteriormente reeditados (<http://produto.mercadolivre.com.br>)<sup>2</sup>. Também há veracidade sobre o que refere da propagação da Revista, embora faça confusão entre África e China. Veja o que se diz em setembro de 1961:

Hoje é mais do que uma publicação nacional, pois permuta com revistas pedagógicas de vários países, contando com assinaturas na América do Norte (Flórida, Washington), América do Sul (Argentina, Uruguai, Chile, Perú e Colômbia). América Central (México); na Europa (Portugal, Itália, Espanha, Alemanha e França); África Portuguesa (Moçambique) (p. 8).

Pergunto-lhe como tem início a Revista do Ensino? Após alguns segundos de silêncio, ela reage, narrando:

Eu comprava revistas estrangeiras de educação... comecei a pensar: *Mas meu Deus, nós podíamos ter uma revista! Pequena... [...]* E, um dia fui lá na editora Globo [falar com o diretor]: *O senhor estaria disposto a editar uma revista de educação para professores primários?*

---

<sup>2</sup> Entre suas produções, destacam-se diversos livros didáticos, alguns com repetidas edições: *Dedé, José, Tião: cartilha*. São Paulo, Editora FTD, 1967; *Exercícios de Gramática para o 4º ano*. Porto Alegre, Editora Selbach, 21ª edição, s/d.; *Três Estórias*. São Paulo, Editora FTD, s/d; *Prosa e Verso*. Editora FTD, São Paulo, s/d; *Estudos Sociais e Naturais 4º e 5º ano*, São Paulo, Editora FTD, 1970.

Aqui a história comprova ser feita um pouco por acaso e outro tanto porque forças dominantes no mínimo não interpõem obstáculos. Se a referida Revista não tivesse se caracterizado de certo modo – se não tivesse sido o que foi, e tivesse portado textos de Brecht em vez das orações de Gabriela Mistral – não teria frutificado. Ela germinou com tal vigor justamente porque, no solo em que implantou determinados enunciados, encontrou guarida, por décadas.

O depoimento de Maria Gastal revela também o enfrentamento de várias adversidades, não só no plano financeiro, mas também no que se refere à linha editorial. Neste sentido, algumas divergências surgiram, especialmente a partir de 1956, quando o Centro de Pesquisa e Orientação Educacional - órgão então poderoso e influente da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul<sup>3</sup> - fica responsável pela supervisão técnico-pedagógica da Revista: “Ele [o CPOE] se metia um pouquinho. Elas [professoras integrantes do Centro] mandando artigos que, na maior parte das vezes, eu concordava em publicar porque eu também não podia ser a única a decidir”. Verifica-se aí certa diplomacia por parte de Dona Maria, o que me faz insistir no tema, buscando saber até que ponto chegava sua autonomia, não só quanto a decisões de ordem administrativa, mas também no que se referia à linha editorial que norteava a Revista do Ensino. Dona Maria reage: “Nunca recebi ninguém mandado por A, B ou C. Não sei se o pessoal me respeitava... Mas nunca aconteceu isso. Eu era a diretora. Quem andou me incomodando um pouquinho foi o CPOE. Que elas queriam mandar. Mas, depois, elas viram que estavam lidando com a filha da Julieta Batista de Oliveira! [riso] Se acalmaram”.

Ao entrevistar Dona Maria, eu – ciente do enorme poder de penetração que a Revista veio a ter, e encontrando na

---

<sup>3</sup> Sobre o Centro de Pesquisas e Orientação Educacional/CPOE, ver Quadros (2007).

contracapa da edição de agosto de 61 a reprodução de um telegrama do Presidente Jânio Quadros (“ajudarei essa publicação em tudo que esteja meu alcance”) – pergunto: não teria havido interesses políticos, por parte de pessoas ou partidos, com intenção de tirar proveito do sucesso do periódico? A resposta de Maria irrompe com energia:

Teve. Teve o senhor Brizola. Ele, num dos tempos que ele foi governador, ele mandou me chamar e me perguntou qual era a maior quantidade de revista que eu podia oferecer a ele. Eu disse: *Seu fulano, Doutor fulano...*, não me lembro mais como é que eu o tratava. Eu nunca gostei dele. E digo: *O senhor é o dono da revista! Diga o que que o senhor quer.* Disse: *Ah, eu quero mandar distribuir no Rio de Janeiro. Mas distribuir, assim, pro povo. De cima do caminhão, jogar pro povo.* [Pequeno espaço de tempo em silêncio na gravação] Eu tive vontade de dizer pra ele que não! Mas era o governador do Estado. Ele me tratava, sempre, muito bem. Ele até andou querendo me conquistar! Mas eu tinha que respeitar como governador que era, né? Mandei as revistas. Não me lembro mais quantas. Eu tenho, acho que ainda tenho um exemplar aí, cheio de carimbos com tinta vermelha. Uns carimbões grandes pra propaganda dele.

E, com certa dificuldade, vai levantando da cadeira determinada a encontrar aquele tal fascículo: “Deixa eu ver se está aqui. Ele era governador, candidato à presidência da República”. Então, sem dar-se conta de que em sua memória os fatos da história se misturam (em final de 62, Brizola é candidato a deputado federal), passa-me a tal revista, uma das únicas que ainda guarda como se pretendesse um dia, quem sabe, mostrar para alguém provando tal acontecimento.

Raras são as vezes em que Dona Maria se autoriza a falar em política, ainda que, indiretamente sua fala vagueie pelo tema. O conjunto de dados, porém, permite-me classificá-la numa linha de tendência conservadora. Para isso valho-me de fotos coladas nas paredes de seu minúsculo quarto-e-sala, ou de frases dispersas, que

vai aqui e ali pronunciando. Em relação ao Presidente da República diz: “sou totalmente apaixonada por este homem”. E complementa: “Se o Fernando Henrique [Cardoso] precisasse que eu fosse para a praça, falar bem dele, ah, não tenha dúvida, eu iria!”. Faz também algumas referências a Fernando Collor: “Eu achava que, como político, ele podia ser bom, mas em seguida me decepcionou”. E, entre as lembranças mais remotas, destaca o Secretário de Educação do primeiro governo de Ildo Meneguetti: “Como eu senti a morte do Doutor Liberato [Vieira da Cunha]!”. Estes e outros comentários paralelos fornecem conteúdo suficiente para referendar a posição em que a inscrevo, do ponto de vista ideológico. Não bastassem todos esses explícitos pronunciamentos, uma breve ironia acerca de Luis Inácio Lula da Silva veio confirmar suas preferências. Somente um nome integrando a ala da direita não mereceria jamais seu apoio. Trata-se do Coronel Mauro da Costa Rodrigues, Secretário de Educação no Rio Grande do Sul nos idos de 70. A razão disso está diretamente relacionada à desconsideração e menosprezo que ele teve com a Revista do Ensino. O fato a marcou sobremaneira, a tal ponto que, ao recordar aquele episódio, se enche de indignação e se transfigura, dizendo: “Tu soubeste o que fizeram com tudo que era da revista? O coronel Mauro destruiu tudo! Botou fora! A biblioteca que nós tínhamos, de fazer inveja a muita escola. Infelizmente... Ele não podia [ter feito isso]. Se eu estivesse lá, ele tinha levado – tu desculpa, mas eu vou dizer – eu tinha lhe dado uns pontapés na bunda que [ele] estaria correndo até hoje!”. E, após alguns segundos de silêncio, como se estivesse refletindo no que poderia dizer, dá vazão a sua perspicácia e espirtuosidade, exclamando: “E deixaram esse homem voltar pro Rio de Janeiro sem antes pegar uns dias lá no Carandiru! Porque era lá que ele merecia estar!”<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Maiores informações sobre a gestão do Cel. Mauro da Costa Rodrigues é possível encontrar na pesquisa desenvolvida por DUTRA (2006).

O que mais impressiona ao longo do depoimento de Dona Maria é que não há verbalização explícita referindo crença ou opção religiosa: palavra alguma sobre igreja ou catolicismo. Mas se ali não consigo ouvir aqueles ditos, tão escandalosamente presentes nas páginas da Revista do Ensino, não é porque eles ali não existam. Estão todos lá, seja nas frases entrecortadas, seja nas imagens de Nossa Senhora espalhadas pelo quarto, ou nos santinhos e preces que marcam as páginas de seu caderninho de anotações, orgulhosamente a mim apresentado. Eis aí, precisamente, a comprovação do mesmo fato que envolve a própria história da Revista do Ensino, da forma como ela se gerou e da forma como ela se impôs: não há um sujeito determinante que fala, uma consciência que reflete e conduz. Há práticas e, através delas, enunciados que se materializam. Não que não existam sujeitos individuais, empíricos. É que eles se constituem no interior dos discursos. Perguntada sobre sua filiação religiosa, Maria prontamente responde: “Católica relaxada”. Insisto, então, em saber por que tantos textos na Revista do Ensino carregam aquele fundo moral, religioso e católico, esperando que ela apresente uma justificativa lógica convincente. Mas, como ocorrera em outros momentos dessa pesquisa, desmontavam diante de mim as ilusões formais que me dariam as tradicionais garantias para chegar a causas e efeitos. Dona Maria simplesmente diz: “[A equipe] era de professoras de diferenças religiosas. Inclusive tínhamos a Esther que era judia... Bem, pendia mais pro catolicismo porque a maioria da equipe era de pessoas da igreja católica”.

Na verdade *pendia para o catolicismo* todo o universo em que se vivia em meados do século XX, em especial nas instâncias educativas. Não só na Revista do Ensino, também nas escolas e na sociedade em geral, conforme pode ser comprovado em outras pesquisas envolvendo tal recorte temporal, entendendo-se por *catolicismo* um conjunto de práticas religiosas autoritárias,

controladoras da ordem e dos costumes. Ou se quisermos, à luz de Foucault (2002), um contexto de normalização.

Mas, se ao mesmo tempo, é impossível eliminar o nome de Maria de Lourdes Gastal de toda esta dimensão conservadora, paradoxalmente também é ela a mulher forte e impetuosa que leva em frente a possibilidade do periódico continuar persistindo mesmo em momentos economicamente difíceis. E mesmo que, através de sua narrativa, a história de vida revele circunstâncias pessoais difíceis (em determinada época, uma paixão repentina a faz deixar tudo e ir morar em São Paulo; alguns meses depois retorna “só com uma mala e meu gato”), mesmo assim nunca deixou de lutar em prol do que acreditava.

Sem dúvida, a história de Maria de Lourdes Gastal se confunde com a própria história desta Revista, que tanto influenciou o magistério em meados do século XX. “Sem a *Revista do Ensino*, eu sou nada na sala de aula” (palavras de uma professora nordestina, referindo-se à Revista do Ensino, num encontro de professores primários, em Goiânia, em 1962). A frase da professora, nos idos dos anos 60, certamente diz muito do período analisado nesta pesquisa, e em que aspectos ele se diferencia dos tempos atuais. Basta que se pense, por exemplo, no quanto hoje estamos imersos num mar de informações, via rádio, televisão, revistas e jornais, além de inúmeras formas menores de impressos que chegam cotidianamente até as nossas mãos; sem falar nas múltiplas possibilidades intercontinentais da comunicação informatizada. Mas na década de cinquenta, como chegavam as notícias até a casa de uma professora? Como ela poderia ficar sabendo *das últimas*? Obviamente, a escola era um centro de irradiação onde novidades se multiplicavam. Era de lá que ela trazia, e para lá também ela levava informações sobre o que se passava no mundo então acessado pelos limitados meios de comunicação existentes. Mas como ficava, então, a necessidade de atualização nos assuntos didáticos, tão importantes para seu dia a dia? O único recurso, pois, limitava-se a uma simples revista,

aguardada com grande expectativa a cada mês do ano letivo: a *Revista do Ensino*. Segundo contam algumas professoras entrevistadas em outra pesquisa (FISCHER, 2005), este periódico vinha preencher um lacuna inestimável na vida das professoras de então, quase sempre queixosas do excesso de teoria em sua formação pedagógica – “a gente não tinha prática nenhuma!” (diz uma professora) – e da carência de sugestões sobre como atuar efetivamente na sala de aula: “Ah, eu adorava a *Revista do Ensino*! Ela era, assim, mais ou menos, um caderno de cabeceira da gente. Era uma revista cobiçada pelo professor!” (outra depoente).

Impossível, pois, tratar de magistério dos anos cinquenta e sessenta do século XX sem fazer referência, obrigatoriamente, à *Revista do Ensino*. Sem dúvida alguma, ela ocupa lugar de destaque entre os meios que ajudaram a constituir esta professora de que aqui se fala. Conforme já fiz menção, aos jovens de hoje talvez seja difícil conceber o cotidiano daquela época, quando não se tinha acesso ao mundo com as facilidades de comunicação tão comuns nos dias atuais. De fato, ser assinante de uma revista naquela época era tão ou mais importante do que hoje receber as imagens virtuais através da TV a cabo, por exemplo, ou mesmo acessar diariamente a internet. Nesse sentido é que se pode compreender por que aquela *Revista* era aguardada com tal ansiedade, e por que ainda hoje conserva um lugar especial nas lembranças das velhas professoras: “Ah, eu assinei logo. Porque ali eu aprendi. Era a melhor revista do país!” (afirma outra professora depoente).

Mas retornando à Maria de Lourdes Gastal, vejamos alguns recortes que dizem sobre ela e seus discursos: “Grandes sonhos” – esse o título do primeiro editorial da *Revista do Ensino*, assinado por ela como diretora, fundadora e mentora principal. Ali, na primeira página, concretizava-se o sonho esboçado a partir de reflexões esporádicas de um moça professora, que “não tinha quase o que fazer, porque voltava do trabalho, ficava com a

mamãe...e uma novelinha pelo rádio...”. Surge, assim, timidamente, a idéia de editar uma revista para o magistério primário, a qual em seguida passará a fazer parte integrante do cotidiano da imensa maioria do professorado gaúcho e, posteriormente alastrando-se mais além. É setembro de 1951 e, por muito tempo ainda se festejará a existência deste “veículo de ensino”, que “vai levar, por todos os recantos de nosso solo, sua mensagem de verdadeira fraternidade àqueles que se dedicam à elevada missão de educar!”. O sonho de Maria, lançando estas “despretensiosas páginas [...] não almejando [...] uma auréola de glória, mas um amplo e real benefício coletivo” (Revista do Ensino, set/51, p.2), torna-se efetivamente uma realidade concreta. Buscando atingir principalmente “o professor que mais precisava, o professor das primeiras letras, como ela dizia” (diz Júlia, referindo-se à “Dona Maria”, com quem trabalhou diretamente, como redatora e secretária), a Revista passa a circular pelos diversos estados brasileiros, chegando até as escolinhas mais distantes.

Ainda que a Revista do Ensino obtivesse grande sucesso, em vários momentos enfrentou crises financeiras, necessitando de estratégias criativas e políticas para sobreviver e, na medida do possível, manter a periodicidade. Inúmeras são as vezes em que Maria Gastal vem a público para justificar atrasos na circulação; numa delas, inclusive, ela inicia com a seguinte expressão: “Mais uma vez, me desculpem”, tentando explicar aos assinantes as razões dos problemas, sempre relacionados “à situação precária das finanças de nosso Estado” (Revista do Ensino, out/63, p.76). Em seu berço, a Revista tem os auspícios da Editora da Livraria do Globo, a qual, porém, “em determinado momento, considerou que a comercialização não pagava o investimento que se fazia e, então, abrimos mão”, diz o Sr. Bertaso (diretor da Livraria do Globo, em resposta a perguntas que lhe fiz num diálogo telefônico). Entre outras colocações, ele reiterou o papel decisivo de Maria Gastal,

naquela época, para o sucesso do empreendimento, afirmando mais de uma vez que “seu trabalho foi pioneiro e de grande valia”.

Por poucos meses, então, a própria Maria de Lourdes Gastal tenta assumir particularmente as responsabilidades e encargos financeiros, valendo-se para isso das verbas de assinaturas e algumas raras matérias publicitárias. Mas, logo em seguida, inicia tratativas junto ao Governo do Estado e, em dezembro de 1956, a RE passa a se constituir como uma publicação oficial da Secretária de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, sob a supervisão técnica do CPOE.

Em dezembro de 1955, no II Congresso Nacional de Professores Primários, realizado em Belo Horizonte, espalha-se a notícia das dificuldades financeiras por que passa a RE. Os participantes, então, diante da iminência de o professorado não mais contar com “uma publicação do mais alto padrão” e de “encontrar-se o país em risco de ser privado de tão excelente instrumento de progresso pedagógico e intercâmbio gremial”, resolvem fazer uma longa moção, congratulando-se com o Governo gaúcho que “examina no momento a possibilidade de encampá-la, garantindo assim sua sobrevivência” (Revista do Ensino, mar/56, p.5).

Independente dessas alterações permanece a mesma linha editorial assumida desde o início. Tanto que, em determinado momento, Anísio Teixeira comenta: “A *Revista do Ensino* era particular e hoje é publicada pelo Estado. Não se sente nenhuma diferença. Pública ela era antes, embora editada pela Livraria do Globo, e pública é hoje, embora editada pelo Estado. O público no Rio Grande do Sul não é o *oficial*, mas o que visa ao público, o que serve ao público...” (Revista do Ensino, maio/57, p. 2).

Nesta perspectiva, é interessante trazer à tona, outro trecho entre seus discursos:

Esta Revista não tem por objetivo defender interesses da classe a que se destina. Esta Revista tem por princípio não tocar em política. Esta revista, entretanto, não pode

ficar indiferente a uma situação clamorosa e que ofende aos mais elementares princípios da humanidade e de democracia. O que pode esperar do futuro um país onde Professores Primários não percebem o necessário para viver decentemente, para alimentar-se razoavelmente, para estudar o essencial ao desempenho de sua missão? [...] Apenas queremos desta modesta *janelinha* de Professora Primária, fazer um apelo aos eminentes brasileiros que governam o país, no sentido de que façam cumprir a lei do salário mínimo – ao menos isso! – nos estados onde Professores passam privações... (Revista do Ensino, maio/62, p.92).

Com essas palavras Maria de Lourdes Gastal, num dos seus tradicionais editoriais em forma de conversa com as leitoras, revela seu jeito de dizer, e de certa forma, de conseguir levar em frente o projeto da Revista sob sua direção. Sem grandes enfrentamentos com o poder maior, ela tentava aqui e ali, chamar atenção sobre as condições do magistério, mas sem jamais ultrapassar seus próprios princípios conservadores. Maria foi uma empreendedora. Como professora, praticamente só atuou nos dois anos iniciais, logo após sua formatura (“Me formei na Escola Complementar e recebi o diploma no palco do Teatro São Pedro”). Mas soube muito bem trabalhar em benefício da educação. Em sua vida, entretanto, não logrou muitos louros, apenas aqui e ali alguma homenagem em datas redondas dos aniversários da Revista.

No final de seus anos, hospedada numa geriatria na Cidade Baixa, um bairro portoalegrense, esteve basicamente sustentada por seu salário de professora aposentada. Sem filhos, apenas alguns sobrinhos responsabilizaram-se por ela. Lastimavelmente terminou sua trajetória de forma anônima, sem que o magistério, e a comunidade em geral, reconhecesse seus méritos na, sem dúvida, dedicada atuação como colaboradora da história do magistério. Depois que a conheci, eu lhe fazia visitas de quando em quando, levando-lhe caixas de sorvete, um dos seus maiores prazeres nos últimos tempos. Inesquecível seu gesto de

contentamento diante da variedade de sabores que a tecnologia atual permitia lhe oferecer. Numa manhã de verão do ano 2000, quando decido levar minha filha para compartilhar de mais um momento com Dona Maria de Lourdes, sou informada na porta da geriatria que ela está hospitalizada. Dirijo-me imediatamente para lá. Já não consigo revê-la consciente, e o mesmo ocorre por mais duas visitas. Mesmo assim, a cada vez pego suas mãos e rezo com ela, sem saber ao certo se me ouve. Parece que sim. Falo com ela lembrando sobre os feitos da Revista porque penso que, desse jeito, posso lhe dar ainda alguma alegria. Na manhã de 10 de janeiro, ligo para o hospital para saber notícias e sou informada que ela acabara de falecer.

Ao encerrar gostaria de insistir: querer abarcar a história de toda uma vida, a partir de alguns fragmentos, é tarefa vã. Uma biografia – assim como a identidade – sempre será similar a um jogo de quebra-cabeça, ao qual faltam algumas peças e, por mais que se queira dar o formato final, nunca se chegará a completá-lo integralmente (FISCHER, 2006). Nesta perspectiva até mesmo Pierre Bordieu (1996) já havia alertado acerca de que um relato coerente, com uma seqüência lógica de acontecimentos, pode nos ludibriar, passando uma idéia de utópica completude. Também Bachelard (1988) mais de uma vez enfatiza que, por ser a subjetividade constituída de multiplicidades de instantes, torna-se impossível querer retê-la em forma de totalidade. Por isso, não pretendi discorrer sobre a vida de Maria de Lourdes Gastal, como num clássico processo biográfico. O que quis foi relacionar fragmentos de sua trajetória com possíveis conexões aos enunciados desdobrados na Revista de Ensino – dedicação maior da vida dessa mulher e professora. E, por que não confessar, o que pretendi também, indiretamente, foi compartilhar com as novas gerações um pedaço da história da educação que aí se atravessa e que não se pode olvidar.

## Referências

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

BASTOS, M.H.C. As revistas pedagógicas e a atualização do professor: a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951-1992) in: CATANI, D. & BASTOS, M.H.C. *Educação em Revista: a imprensa pedagógica e a história da educação*. São Paulo, Escrituras, 1997.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica In: FERREIRA, Marieta de M; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996.

DUTRA, D. F. Políticas educacionais: de um olhar singular à ressonância social. Cel Mauro da Costa Rodrigues Secretário de Educação e Cultura/RS (1971-1975). *Dissertação de Mestrado*. PPGE/PUCRS. Porto Alegre, 2006.

FISCHER, Beatriz T. Daudt. *Professoras: histórias e discursos de um passado presente*. Pelotas, Seiva, 2005.

\_\_\_\_\_ Arquivos pessoais: incógnitas e possibilidades na construção de uma biografia. IN: SOUZA, Elizeu C. de; ABRAHÃO, Maria H. M. B. (Orgs.) *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo. Ed. Martins Fontes, 2002.

<http://produto.mercadolivre.com.br>. Acesso em 15/1/2009.

*Revista do Ensino*, edições diversas (1950 – 1970).

QUADROS, Claudemir. Reforma, ciência e profissionalização da educação: o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais do Rio Grande do Sul, *Tese de doutoramento*. PPGEDU/UFRGS, Porto Alegre, 2007.

**Beatriz T. Daudt Fischer** é professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade do Vale do Rio dos Sinos. E-mail: [beatrizf@unisinos.br](mailto:beatrizf@unisinos.br)

Recebido em: 20/03/2009

Aceito em: 20/12/2009